

REVISÃO PARA MELHOR

S&P eleva perspectiva da nota do Brasil para positiva, e dólar cai a R\$ 4,80

VITOR DA COSTA, MANOEL VENTURA E RENAN MONTEIRO
economi@globo.com.br
REUTERS/ALFA

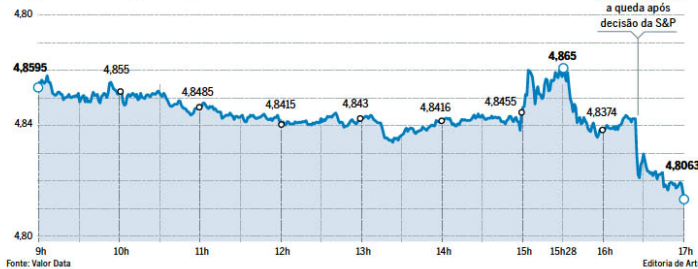
A melhora na perspectiva da nota do Brasil pela agência de classificação de risco S&P Global Ratings, de estável para positiva, somou-se à pausa na alta de juros nos Estados Unidos, levando o dólar comercial a encerrar a R\$ 4,8063, uma queda de 1,15%. Após a decisão da S&P, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que o Brasil certamente recuperará o grau de investimento — espécie de selo de bom pagador —, perdido em 2015. Como a agência citou o arcabouço fiscal, Haddad disse ainda que agora falta o Banco Central “se somar a esse esforço”.

Já o Ibovespa, principal índice da B3, subiu 1,99%, os 119.069 pontos, o maior patamar desde 21 de outubro (119.928 pontos).

HADDAD: 'FALTA BC SE SOMAR'
A S&P não alterou a nota do Brasil, que continua em BB-, ainda grau especulativo. A nota está nesse patamar desde janeiro de 2018, e desde 2019 a perspectiva não era revisada para a perspectiva positiva significasse o *rating* pode ser elevado em breve. Para Haddad, é um passo importante:

REFLEXOS NO CÂMBIO

Cotação do dólar ao longo do dia (em R\$)



— O Brasil vai retomar o grau de investimento, não tenho dúvida disso. Não tem cabimento esse país não ter grau de investimento. Um país com mais de US\$ 300 bilhões de reservas cambiais evoluiu a acumular reservas. Não deve US\$ 1 no exterior, é credor internacional, tem inflação menor que as de Europa e EUA. Não tem grau de investimento? É um processo. Pode levar alguns anos, mas é inevitável se nós trabalharmos.

“A perspectiva positiva dos *ratings* na escala global reflete os sinais de maior certeza de estabilidade das políticas fiscal e monetária, o que poderia beneficiar as projeções

de ainda baixo crescimento do PIB do Brasil. O crescimento contínuo do PIB, somado ao novo arcabouço para a política fiscal, pode resultar em uma carga de dívida do governo abaixo da esperada inicialmente, o que ampararia a flexibilidade monetária e sustentaria a posição externa líquida do país”, afirmou a S&P em sua nota.

— É importante que uma agência externa consiga observar esses avanços. O Brasil precisa voltar a crescer. Não há solução para o Brasil sem crescimento. É um resultado ainda modesto, mas importante — afirmou Haddad.

O ministro aproveitou a

deixa de “flexibilidade monetária” da S&P para cobrar o Banco Central a reduzir a taxa de juros. Na semana que vem, o Comitê de Política Monetária (Copom), do BC, vai decidir sobre a Taxa Selic, hoje em 13,75% ao ano. A expectativa é com o tom do comunicado, já que o mercado só vê corte de juros em agosto.

— Está faltando o Banco Central se somar a esse esforço. Mas eu quero crer que nós estamos prestes a ver isso acontecer — disse Haddad.

Ele ainda agradeceu aos outros Poderes pelos avanços obtidos na economia:

— Nós temos uma oportunidade de ouro de fazer a dife-

rença. Eu vim aqui agradecer ao Congresso Nacional, ao Supremo Tribunal Federal, pelo que têm feito pelo país. E quero o quanto antes agradecer também à autoridade monetária. Que, a cada declaração pública, está sensibilizada com o clamor dos empresários, dos bancos, das agências de classificação de risco.

Perguntado sobre o fato de a S&P ter elogiado a autonomia do BC, Haddad afirmou que isso não pode ser um tabu:

— A autonomia do Banco Central não é um tabu para que a sociedade não discuta o seu destino.

Para o secretário executivo da Fazenda, Gabriel Galipolo,

a decisão da S&P mostra que a pasta está no caminho certo: — É muito positivo, depois de tanto tempo, a gente voltar a ter uma perspectiva positiva como essa. É uma chancela importante da agência de *rating*, que indica que o trabalho da Fazenda está indo na direção correta.

Divulgada no fim da tarde, a decisão da S&P ampliou o movimento de queda do dólar e alta da Bolsa. O analista da Empiricus Research, Matheus Spiess, destaca que a melhora na perspectiva eleva as chances de uma alteração futura no *rating*, possibilitando ao Brasil recuperar o grau de investimento:

— A S&P reiterou esse contexto positivo para os ativos de risco e gradualmente dá mais sinais aos investidores estrangeiros de que o Brasil pode ser novamente confiável.

NOS EUA, 'LONGO CAMINHO'
Para a economista-chefe da Galapagos Capital, Tatiana Pinheiro, o anúncio da S&P reflete um movimento já visto no mercado: a queda, desde maio, dos *credit default swaps* (CDS, seguro contra calote de títulos de um país).

O outro fator de otimismo foi a decisão do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) de manter os juros entre 5% e 5,25%, depois de dez altas consecutivas.

A ideia do Fed é avaliar novos dados econômicos antes de decidir sobre os juros. Análises de mercado esperam mais duas altas este ano, afirmou Tatiana, da Galapagos.

Depois da reunião, o presidente do Fed, Jerome Powell, afirmou que há “um longo caminho a percorrer” para levar a inflação de volta à meta de 2%. Segundo ele, os aumentos de juros já realizados estão tendo impacto na economia, mas levará tempo para que todos os efeitos se manifestem.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 13